Hartmann, R.R.K. *Teaching and researching lexicography*. London: Longman, 2001, XII + 211p.

Resenhado por: Félix Bugueño Miranda¹

R.R.K. Hartmann (H.) é diretor do afamado Dictionary Research Center da Universidade de Exeter e uma das maiores autoridades em metalexicografia na atualidade. O trabalho comentado nesta oportunidade constitui um reflexo da sua tarefa de pesquisa na área. Trata-se de um texto de múltiplas leituras. De uma parte, mais que uma introdução à lexicografia, é um ótimo “overview” sobre o tema. De outra parte, é também um sugestivo programa tanto para a pesquisa como para o ensino desta disciplina das ciências da linguagem.

O texto está estruturado em torno de três grandes temas, subdivididos, por sua vez, em capítulos; conta também com um apêndice com endereços eletrônicos de interesse para a pesquisa na área, com um breve (e utilíssimo) glossário de terminologia (meta)lexicográfica e, finalmente, com uma extensa bibliografia.

O tema I (“Lexicography in practice and theory”) oferece uma visão ampla e abrangente da tarefa lexicográfica, tanto no que diz respeito à constituição teórica desta disciplina como às relações lexicografia com outras áreas das ciências. O capítulo 2 desta primeira parte trata de algumas decisões propedêuticas que todo lexicógrafo deveria levar em conta. Assim, por exemplo, e em consonância com uma prática já tradicional na lexicografia alemã, salienta-se a necessidade de se utilizar siglas tanto na tarefa de redação de um dicionário, como na discussão metalexicográfica. Isso é particularmente útil quando se trabalha em “espaços pequenos” como é o caso do verbete. Nesse contexto, o autor enfatiza também a necessidade de planejar cuidadosamente o trabalho lexicográfico. Trata-se de um conselho para seguir a risca, se considerarmos a quantidade de dicionários que circula no nosso meio que são frutos do improviso.

No tema II (“Perspectives on dictionary research”), Hartmann (2001) trata dos dicionários desde um outro ângulo, isto é, como produtos

históricos e propõe sete perspectivas para o seu estudo: por exemplo, como expoentes de um determinado estágio da língua, ou como expoentes de uma determinada tradição lexicográfica (a avalanche de dicionários bilingües no final da Idade Média seria um exemplo clássico). Muito pertinente parece, por outra parte, a menção às fontes de crítica (meta)lexicográfica. Além das clássicas resenhas e dos trabalhos monográficos, o autor aponta as pesquisas de mercado como um dos indicadores do sucesso de um dicionário. Esse parâmetro parece fundamental, pois, a bondade do dicionário está em direta relação com a satisfação que provoque a sua consulta. No Brasil, porém, tal critério deve usar-se com muita cautela, já que não existe entre nós (ainda) uma “cultura do dicionário”. Ainda mais interessante é a exposição relativa à estrutura do dicionário (cap. 5), estabelecendo-se os diferentes níveis de organização de uma obra lexicográfica, a saber, o “outside matter” e a “macro-“ e microestruturas”. Em relação à microestrutura, Hartmann (2001) oferece um diagrama arbóreo que a representa de maneira muito clara e coerente. Introduce ainda alguns conceitos novos, tais como “megastructure” e “mediostucture”. No mesmo capítulo há também uma breve reflexão do dicionário como tipo específico de texto. H. propõe que o dicionário seja concebido como um meio termo entre o texto e a listagem de palavras (p.63). Merecem também destaque os parágrafos dedicados à questão da classificação tipológica das obras lexicográficas. Hartmann (2001) apresenta e avalia várias taxonomias, salientando que nenhuma delas é completamente coerente e concluindo que uma taxonomia de aplicação universal não existe. Segundo o autor, o que é possível é gerar taxonomias exaustivas para “universos lexicográficos” específicos, coisa que ele mesmo faz ao propor uma taxonomia para o que chama de “pedagogical dictionaries” (p. 83). Alguns dos parâmetros escolhidos para analisar este tipo particular de obras lexicográficas formam oposições binárias. Concordamos com os resultados obtidos, mas é para se perguntar se não se deveria incluir também os dicionários pela imagem (picture dictionaries) como um fenótipo particular de “pedagogical dictionaries”. Se poderia tentar um par binário entre esta classe de obras e os dicionários

Felix Bugueño Miranda é professor do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

onomasiológicos, já que ambos oferecem designações, ainda que, naturalmente, desde perspectivas diferentes.

O capítulo 6 desta segunda parte constitui um verdadeiro “novum” na discussão contemporânea sobre metalexicografia, já que está dedicado na íntegra ao usuário do dicionário, até agora praticamente esquecido pelos lexicógrafos (o que explica, por exemplo, porque tantos dicionários são um mau produto lexicográfico). H. cita algumas palavras Herbert Ernst Wiegand (1977) que ilustram muito bem a situação do destinatário potencial do trabalho lexicográfico, que é chamado de “der bekannte Unbekannte” [o desconhecido conhecido]. Uma observação elementar mas certa é a de que as necessidades do usuário somente podem ser conhecidas por meio da observação empírica. Se se agisse sob este princípio quanta informação macro e microestrutural deveria ser mudada ou simplesmente desconsiderada na redação de um dicionário. H. propõe seis perspectivas para tratar do leitor do dicionário.

A última seção do livro (III: “Issues, methods and case studies”) está dedicada a questões metodológicas ligadas à pesquisa lexicográfica. H. propõe uma série de tópicos que podem ser objeto de uma pesquisa, tais como questões de historiografia lexicográfica, problemas tipológicos, o papel do usuário, etc. Em relação a métodos, o capítulo 8 desta terceira parte apresenta uma série de abordagens metodológicas na pesquisa em lexicografia, tais como o uso de questionários, a aplicação de entrevistas, etc. O último capítulo do livro (capítulo 10) está dedicado na íntegra ao que Hartmann (2001) chama de “case studies”, que não é outra coisa senão a aplicação de um modelo metodológico à análise de várias obras lexicográficas. Cada caso estudado é submetido a um conjunto de parâmetros tais como contexto extralexográfico em que foi gerada a obra, os seus objetivos, a metodologia empregada para a sua redação, as suas limitações, etc.

A última seção do livro (IV), chamada de “Resources”, constitui um apêndice muito útil, pois é um catálogo classificado de endereços eletrônicos dedicados ao tema da lexicografia. O autor lista grupos de discussão (“discussion groups/ mailing lists”), sites que oferecem dicionários “on line” (“informations on dictionaries and other reference works”), periódicos especializados na área (“journals”), etc. Além disso, oferece no, capítulo

11, um glossário de termos lexicográficos com remissões aos capítulos do livro. As definições estão redigidas em um estilo claro e simples.

Em resumo, trata-se de um livro muito útil, reflexo da larga experiência de H. na pesquisa lexicográfica. Não é somente um texto de caráter descritivo, mas em função do próprio questionamento que se faz da obra lexicográfica, abre também novos horizontes de pesquisa na área. Além disso, Hartmann (2001) introduz também questões novas na teoria metalexicográfica, tais como os conceitos de “medioestrutura” e “outside matter”. Já por isso a sua leitura é recomendável.